



HISTÓRIA ORAL: narrativas de professores de Matemática

Cris Elena Padilha da Silva¹

Diogo Franco Rios²

História da Matemática, História da Educação Matemática e Cultura

Resumo: O texto aqui apresentado está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, da Universidade Federal de Pelotas, e faz parte de reflexões iniciais para a construção de uma dissertação de mestrado, que tem por objetivo produzir fontes orais, analisar a história de vida de professores de Matemática, passando por possíveis relações entre professoralidade e profissionalização. A metodologia utilizada será a História Oral e será realizada com professores de Matemática aposentados, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, que atuaram em algum momento na educação básica.

Palavras Chaves: História da Educação Matemática. História Oral. Trajetórias de vida. Professores de Matemática.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT), da Universidade Federal de Pelotas, referente à linha de pesquisa História, Currículo e Cultura, sob orientação do professor Dr. Diogo Franco Rios. O trabalho apresenta os primeiros passos para a elaboração de uma dissertação de mestrado, onde pretendo produzir fontes orais com professores de Matemática, da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul e analisar a constituição do professor de Matemática no decorrer de sua vida, e procurar entender como aconteceram os processos de professoralidade e profissionalização.

As pesquisas na área de História da Educação Matemática no Brasil apresentaram um crescimento a partir de 2011, quando pesquisadores do Brasil, de Portugal, México, Espanha, Cuba e Venezuela realizaram o primeiro Congresso Iberoamericano de História da Educação Matemática, em Portugal. Com o crescimento de trabalhos brasileiros na área, tiveram a iniciativa de realizar o primeiro Encontro Nacional de Pesquisas em História da Educação Matemática. A grande produção acadêmica nos dois primeiros Encontros Nacionais de História da Educação Matemática (ENAPHEM), realizados em 2012 e 2014, indicam a existência de um grupo bem consolidado na área. A partir da segunda edição do

¹Mestranda em Educação Matemática. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: criselenap@gmail.com

²Doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências. Universidade Federal de Pelotas. E-mail: riosdf@hotmail.com

evento, teve-se como marco a criação da revista científica HISTEMAT – Revista de História da Educação Matemática. Em 2016 o evento contou com aproximadamente 179 inscrições de pesquisadores da área.

Apresento primeiro um pouco do meu caminho percorrido, meus primeiros passos, até chegar na elaboração do projeto, onde começo com meu primeiro contato com o ensino de Matemática, por volta dos 10 anos de idade, quando acompanhava minha mãe, professora de matemática, nas aulas e reuniões de escola. A ideia de ser professora começou a ser construída e, no decorrer dos anos, sempre ajudava meus colegas com as dificuldades de aprendizagem. Em 1990, conclui o curso de Magistério, no Instituto de Educação Assis Brasil, e passei a cursar Licenciatura em Física, na UFPEL. Devido à carência de professores na área, no primeiro semestre do curso já passei a lecionar as disciplinas de Matemática e Física, na escola em que conclui o Magistério. Conclui o curso de especialização e passei a lecionar nos três turnos. Lá se passaram 20 anos dedicados ao ensino de Matemática e Física.

Com a implantação de cursos de mestrado na cidade onde resido e trabalho, vi a possibilidade de voltar a estudar e em 2015 fiz a matrícula como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Em 2016, ingressei no Programa de Pós Graduação em Educação Matemática (PPGEMAT- UFPEL).

Como professora de Matemática e Física, durante muitos anos, tive a oportunidade de dividir minhas práticas e experiências com muitos professores iniciantes, que chegavam nas escolas com muitos anseios, dúvidas e angústias, relacionadas em como trabalhar com os alunos. Vi então a possibilidade, junto com meu orientador, de desenvolvermos minha pesquisa ouvindo professores de Matemática, que têm muito a contribuir com futuros professores, com suas experiências e práticas. Experiências estas que se não forem registradas, se perderão com o passar dos anos. Vi a grande oportunidade que estava se desenhando, pois o projeto envolveria trabalhar com a vida desses professores, sua história, sua participação na construção da história de uma sociedade.

Pensando na construção do projeto inicial, surgem minhas primeiras inquietações “Como um professor se constitui professor? Quais são os caminhos traçados por ele no decorrer dos anos? Como foi modificando suas práticas, ou não,

com as mudanças que ocorreram no ensino, na sociedade e, com os alunos? Que metodologia poderia me permitir a refletir sobre todo esse processo?”

Comecei então a dedicar-me a muitas leituras e discussões que pudessem auxiliar e elaborar minhas concepções teóricas a respeito de como deveria ser um trabalho de mestrado, sempre em diálogo com o orientador, com quem realizei logo no primeiro semestre estágio na disciplina que ele ministrava de História da Educação Matemática no Brasil, que foi meu primeiro contato com a História da Educação Matemática, e que me aproximou de muitas questões relacionadas a História da Educação. Questões essas que nunca havia pensado, nem estudado, e que vem de encontro a me ajudar nas futuras análises históricas para a construção da minha dissertação.

Qual seria então a metodologia que poderia me ajudar a construir os caminhos dos professores de Matemática? A partir da ideia inicial do projeto meu orientador sugeriu que começasse a ler Ecléa Bosi (1994), que trabalhava com História Oral. E como não se encantar com a maneira sempre cuidadosa e ética que a autora se utiliza dessa metodologia para contar trajetórias de vida. Então com a metodologia escolhida, passei a estudar muito em como fazer o uso da História Oral, e da História da Educação Matemática, tendo como referências autores como Thompson (1998), Portelli (2010), Garnica (2003) e Rios (2016).

Preocupe-me em começar a delimitar o grupo de professores para a realização das entrevistas. Ao começar a pensar nos depoentes, não queria deixar nenhum professor de lado, pois todas histórias de vida são interessantes (THOMPSON, 1998). Estudando um pouco mais sobre história oral, optei por entrevistar professores aposentados de matemática, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, por concordar com Bosi (1994) e Thompson (1998), que destacam que pessoas idosas, de maneira especial, se beneficiam com projetos de história oral, proporcionando novos contatos sociais, novas amizades, pois são muitas vezes ignoradas pela sociedade, e ainda contribuem fornecendo informações valiosas para as novas gerações. Pertencem a um grupo de professores que não compartilham mais suas experiências nos ambientes escolares como, recreios e reuniões de escola. Ao trabalhar com professores aposentados, penso em produzir fontes orais, que se perderiam com o passar do tempo, contribuindo com experiências que poderão ser compartilhadas em cursos de formação de professores, e também contribuir socialmente com os entrevistados.

Ao realizar a primeira delimitação temporal para a realização de pesquisa, tenho, em um primeiro momento, professores que atuaram na segunda metade do século XX, período fortemente marcado por mudanças relacionadas ao ensino de Matemática, conhecido como Movimento da Matemática Moderna.

A quantidade de professores que pretendo entrevistar está entre seis e oito professores, mas prefiro limitar esta quantidade no decorrer das entrevistas, quando começar a construir a trajetória de cada um, entendendo que um professor poderá indicar outro que considera importante para pesquisa.

Como ponto de partida, escolhi o professor Paulo Caruso, que foi meu orientador de pesquisa de especialização, com quem já tive uma aproximação inicial. Entendendo que se trata de meu primeiro trabalho com história oral, logo, conhecer o entrevistado facilitará a realização de uma primeira entrevista.

Meu caminho metodológico, está em produzir fontes orais, que não teriam registros escritos, e na intenção também de contribuir para que professores mais antigos relatem a sua história, viabilizando assim informações que serão disponibilizadas para que novos professores pensem a respeito de sua formação. Ao produzir fontes orais, a história passa a ser narrada por outros professores que, com o passar dos anos, contribuíram para a formação de muitos, em todas as profissões.

Na entrevista, o pesquisador deve apresentar algumas qualidades para um trabalho bem sucedido: “[...]interesse e respeito pelos outros como pessoas e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles; e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar” (THOMPSON, 1998, p.254).

Para a realização do projeto com história oral, as relações entre entrevistado e entrevistador baseiam-se, como qualquer outra, em respeito, pois os professores devem se sentir à vontade para falar sobre si, e cabe ao entrevistador fornecer o ambiente adequado para que as informações não sejam relatadas de maneira superficial.

PROFESSORALIDADE E PROFISSIONALIZAÇÃO

Dentre as possibilidades que eu pretendo provocar na memória dos entrevistados, dois temas me interessam, a professoralidade e a profissionalização. Dentro das histórias de vida são temas que poderão ser observados.

Autores como Pereira (1996), Isaia e Bolzan (2006) estudam aspectos referentes a professoralidade.

Para Pereira (1996) a professoralidade, refere-se que há uma história diferente para cada um tornar-se professor. Busca compreender como o professor se constitui e se constrói dentro de suas práticas. Procura avançar na compreensão de como se produz o sujeito, como elabora seu conhecimento e suas ações. Onde relaciona a professoralidade como uma marca produzida no sujeito, a partir das composições que vamos vivendo.

Meu olhar está dirigido, então, para a subjetividade do professor: encaminhei minha investigação no sentido de desvelar algumas atitudes subjetivas que davam forma a essa escolha... tornar-se professor, em última análise, significa uma diferença na história de cada sujeito. (PEREIRA, 2013, p.13).

Entendo que a professoralidade vai sendo construída no decorrer da história de vida do professor, a partir de suas relações com a sociedade, suas práticas e tensões. A partir dessa ideia apresentada por Pereira (2013), o professor vai desenhando a sua professoralidade no decorrer de sua trajetória, logo ela está sempre em construção, o processo é realizado constantemente, com participação de todos acontecimentos que envolvem a vida do professor. Portanto pode ser pensado como um conjunto de interferências pessoais, sem descartar as experiências de vida, um traço de personalidade que gera um traço diferente em cada um e fazem parte da constituição do professor. Este processo vai sendo construído com o aprender a ser professor, onde cada um apresenta uma trajetória única.

Isaia e Bolzan (2006) em suas pesquisas citam Pereira (1996) ao se referirem a professoralidade, estudam o tema abordando os professores de ensino superior, e defendem a professoralidade como um processo de construção do sujeito professor ao longo de sua trajetória pessoal e profissional, envolvendo espaços e tempos em que o professor reconstrói sua prática educativa. Sua vida pessoal, sua formação, as relações escolares no decorrer dos anos com as instituições de atuação.

Assim a construção da professoralidade passa pelo caminho traçado: social, afetivo, político, cultural, suas relações, sua maneira de pensar, influenciando na sua construção como professor. Tardif ao analisar os saberes dos professores, também destaca, que um professor tem uma história de vida, é um ator social, têm emoções, um corpo, personalidade, uma cultura, ou mesmo umas culturas, e seus

pensamentos e ações carregam as marcas dos meios sociais nos quais pertencem. (TARDIF, 2002).

Procurando entender agora a profissionalização dos professores, destaco Nóvoa (1999), que diz que a profissionalização é como um processo através do qual os trabalhadores melhoram seu estatuto, elevam seus rendimentos e aumentam o seu poder de autonomia. Para o autor, a profissionalização dos professores teve seu marco inicial quando passaram a ser funcionários do Estado e a ter uma licença para ensinar de caráter obrigatório. Logo um poder maior e a possibilidade de ascensão profissional. No século XIX, ocorreu a necessidade da expansão da escola devido a grande procura da sociedade, junto a isso temos a formação específica e especializada para o professor com a criação dos cursos normais, que consolidaram a imagem e o estatuto do professor. Os professores no início do século XX apresentaram uma situação de prestígio social e situação econômica digna. Nos anos vinte os professores se sentem pela primeira vez, confortáveis no seu estatuto socioeconômico. O professor era respeitado, era a pessoa que compreendia de tudo e era valorizado pela sociedade. O autor ainda discute a formação do professor como um processo onde aspectos pessoais e profissionais estão entrecruzados, onde a maneira de ensinar depende da maneira de ser, relacionando a formação do professor com a história de vida do sujeito.(NÓVOA, 1999).

METODOLOGIA

O caminho para a realização das entrevistas com os professores, será por meio da história oral, que, segundo Thompson (1998), abre novas áreas de investigação, podendo também encontrar fontes escritas para possíveis análises. Onde todos os meios para dar sentido ao passado possam dialogar (FRISCH, HAMILTON, THOMSON, 2006).

Já segundo Portelli (2010), a história oral é uma metodologia capaz de identificar fatos que poderiam passar despercebidos. Identifica histórias muito particulares, que podem traçar novos caminhos para pesquisa e discussões. Quando ouvimos a narração de uma história vamos atribuindo importância a fatos que achamos mais importantes e sendo inseridos como sujeitos.

Com as narrativas dos professores, suas memórias serão consideradas fontes históricas, fazendo analogia ao trabalho de Portelli (2010), a História Oral apresenta um caráter interativo, porque existe uma comunicação entre ambas as

partes, entrevistado e entrevistador, fala que existe uma troca de olhares. Relata que é importante destacar a subjetividade do expositor, como um importante elemento que as fontes orais têm sobre o historiador. Se a aproximação para a busca é suficientemente ampla e articulada, uma secção contrária da subjetividade de um grupo ou classe pode emergir.

A História Oral, na área da Educação Matemática, tem sido analisada por um grande número de pesquisadores, destacando-se a criação do Grupo História Oral e Educação Matemática (GHOEM), criado em 2002, com objetivo de reunir pesquisadores na área da Educação Matemática, interessados em utilizar a metodologia da História Oral, destacando o pesquisador Antonio Vicente Marafioti Garnica, que ressalta a importância da memória, da oralidade e dos depoimentos das vidas.

Narrar é contar uma história, e narrativas podem ser analisadas como um processo de atribuição de significado que permite a um ouvinte/leitor/apreciador do texto apropriar-se desse texto, através de uma trama interpretativa, e tecer, por meio dele, significados que podem ser incorporados em uma rede narrativa própria. Assim, estabelece-se um processo contínuo de ouvir/ler/ver, atribuir significado, incorporar, gerar textos que são ouvidos/lidos/vistos pelo outro, que atribui a eles significados e os incorpora, gerando textos que são ouvidos/lidos/vistos... (GARNICA, 2003).

Bosi (1994), entende que a História Oral exige conhecimento, sensibilidade, respeito e atenção a fala do outro. As relações com o entrevistado começam no primeiro contato, elemento importante para a qualidade da entrevista. Deve-se conquistar uma relação de confiança, para que o entrevistado fique à vontade para narrar a sua história. Cabe a ele aceitar a voltar no tempo e reconstruir os fatos que deseja lembrar. O interesse deve se atender ao que o entrevistado deseja contar.

O contato inicial com o entrevistado é importante, pois será a primeira impressão para desenvolverem uma relação de respeito, entre ambos, facilitando ao entrevistado contar sobre si. Esse contato inicial poderá ser realizado por email, telefone ou ainda com uma visita inicial. Nesse primeiro contato podemos solicitar documentos pessoais, fotografias e outros registros de seu passado. Deve-se esclarecer ao entrevistado sobre a carta de cessão dos direitos da entrevista, e que o entrevistado poderá cancelá-lo se essa for sua vontade. A entrevista deve ocorrer sempre com uma relação de cumplicidade entre ambas as partes, e deve-se

demonstrar interesse no entrevistado para que ele sintasse estimulado a falar. O local deve ser combinado com o entrevistado, não esquecendo que o ambiente deve ser tranquilo para que possa ser gravado e sem possíveis interrupções (ALBERTI, 2013).

No decorrer dos encontros com os professores, novas indagações poderão aparecer. Ao ouvir histórias, surgem relatos importantes para novas pesquisas. Fatos que até então não foram registrados.

Após realizada a pesquisa deve-se atender a devolução aos entrevistados dos resultados, sendo um compromisso ético de quem pesquisou, valorizando aqueles que dedicaram tempo e compartilharam sua história com a comunidade científica. (PORTELLI, 2010).

PROPOSTA DE ANÁLISE

A proposta aqui relatada, ainda não apresenta análises, pois encontra-se em fase inicial. No entanto me sinto mobilizada a olhar para as entrevistas com algumas inquietações referentes a como cada um dos entrevistados tornou-se professor, como se constituiu como professor, como eram as relações com alunos e colegas de profissão. Com a realização das entrevistas, pretendo contribuir com a produção de fontes orais na área da História da Educação Matemática e analisar as entrevistas realizadas com professores de Matemática, dialogando com conceitos de professoralidade e profissionalização.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

GARNICA, A.V.M. História Oral e Educação Matemática: de um inventário a uma regulação. In: **Revista Zetetiké**, Campinas, v.11, n.19, p.9-56, Jan/Jun. 2003.

GARNICA, A.V. M. **História Oral e Educação Matemática: O Estado de Arte**.

Disponível em: <<http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt5/03.pdf>> Acesso em: 02 Set. 2016.

ISAIA, S.; Bolzan, D. P. V. Construção da profissão docente / professoralidade em debate: desafios para educação superior. In: Anais do ENCONTRO NACIONAL DE

DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO-ENDIPE, XII, 2006, Recife. **Educação, Questões Pedagógicas e Processos Formativos: Compromisso Com A Inclusão Social**

NÓVOA, A. **Profissão Professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. Tese - Doutorado em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

PEREIRA, M. V. **Estética da professoralidade**. 1 ed. Santa Maria: UFSM, 2013.

PORTELLI, A. **Ensaio de história Oral**. São Paulo: Editora Letra & Voz, 2010.

RIOS, D. F. O diálogo epistemológico em um caso de aproximação entre a História da Educação Matemática e a Construção teórica do real. **Revista de História da Educação Matemática**. v.2, n.1, 2016.

TARDIF, M. **Saberes Docente e a Formação Profissional**. 4.ed. Petrópolis/ RJ, Vozes, 2002.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.